

**A VARIAÇÃO SEMÂNTICA NO CAMPO POLICIAL**

*José da Cruz Bispo de Miranda (UESPI)*  
*Juliana Maria Barbosa de Araújo (UESPI)*

**INTRODUÇÃO**

A ideia desse trabalho é permeada pela descoberta de um campo de conhecimento preocupado em entender a variação semântica do léxico e o processo de comunicação de determinada comunidade linguística, mas especialmente compreender as transformações na linguagem policial a partir das mudanças na cultura organizacional em suas instituições, neste caso, na polícia civil em Teresina.

A existência de uma linguagem especial é denunciada pela elaboração de termos específicos comuns a uma determinada comunidade de falantes e construídos a partir de suas condições sociais, culturais e da prática profissional. A temática da linguagem policial nos vem à tona em razão das inúmeras variáveis que podem condicionar a fala de uma comunidade, tais como o gênero, a escolaridade, o tempo de serviço, a posição da instância policial, dentre outras; e das consequências que podem operar nas relações sociais com predominância da visão androcêntrica e da relação de poder.

As instituições policiais têm resistido às forças transformadoras do processo democrático, apesar disso a elaboração de políticas de formação humana dos profissionais envolvidos com a segurança cidadã e o comprometimento de uma segurança pública mais humana e eficiente têm exigido dos gestores e dos policiais na relação com os cidadãos. A partir disso, percebe-se mudanças na fala dos policiais, tornando-se mais técnica, mais humana e cordial. Este artigo apresenta os passos metodológicos que investigam este *habitus* linguístico. Inicialmente procuramos desmistificar a ideia de uma incapacidade de entendimento da linguagem jurídica por parte da comunidade de policias como sendo a origem do universo linguístico policial.

Não estamos desatentos quanto ao debate existente no campo da sociolinguística sobre a validação da alteração semântica enquanto objeto de estudo desta disciplina. Para Lavandera e Labov ambos

citados por Gryner & Omena (2004) a teoria da variação não se detém nas questões semânticas. Contudo, como aponta a autora acima o significado do léxico não se esgota no conteúdo lexical, mas surge, na maioria das vezes, de contextos sociais e culturais. Posto o debate e equacionado os conflitos sobre qual deve ser o objeto da sociolinguística, as alterações semânticas têm se consolidado enquanto objeto de estudo desse campo de conhecimento.

### OS CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO: DAS ALTERAÇÕES SEMÂNTICAS NO LÉXICO À SOCIOLINGÜÍSTICA

Este trabalho parte da hipótese que a variação semântica existente no campo policial representa parte das transformações ocorridas nessa Instituição, especialmente pela exigência de um novo comportamento oriundo das legislações humanitárias, administrativas e maior sensibilidade humana neste começo de século. Neste sentido, desvendamos o eixo diastrático, como diz Molica (2004) ao se referir às mudanças que se manifestam através da diferenciação social. Da mesma forma, o olhar da investigação percorre os marcadores do ponto de vista vertical ao enfocar os indicadores sociais da comunidade linguística em questão.

Partimos da percepção que a linguagem sofre pressões contrárias, como diz Molica (Ibidem, p. 12): “[...] Todo sistema linguístico encontra-se permanentemente sujeito à pressão de duas forças que atuam no sentido da variedade e da unidade. [...] infração de impulsos contrários, de tal modo que as línguas exibem inovações mantendo-se, contudo, coesas: de um lado, o impulso à convergência, base para noção de comunidade linguística caracterizada por padrões estruturais e estilistas”. Estas pressões relacionam-se com a variável linguística e a variável social, portanto, faz-se necessário realizar o cruzamento destas variáveis e questionar a função do significado no contexto da comunidade linguística (Calvet, 2002). As palavras e seus significados pertencem a um jogo de mudança e reprodução social mediado pelo valor simbólico encontrado no mercado linguístico de determinada comunidade.

Trabalhamos com universo de policiais que possam representar a cultura dessa categoria. Para tal, utilizamos formulários, entre-

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

vistas, recortes de jornais e entrevistas com grupos, além de subsidiar a pesquisa com leituras bibliográficas.

O caminho percorrido até o momento permite-nos verificar a influência da linguagem na estruturação das relações de poder, quer no âmbito afetivo, no de gênero e / ou mesmo nas posições de espaços no local de trabalho. Compreender essa trama é um dos objetivos deste trabalho. O contato com os policiais, com a bibliografia referente ao tema e reuniões para reflexões são necessários para o conhecimento dos sujeitos pesquisados e elaboração teórico-prático.

Com a intenção de fazer a coleta de dados planejou-se e foi organizado um conjunto de atividades que foram sendo realizadas no período de setembro de 2006 a março de 2007, com a intenção de conhecer a Linguística e, mais propriamente, a sociolinguística, além de nas atividades de campo coletarmos palavras com variações semânticas.

No primeiro debate sobre as variações semânticas no campo policial alguns aspectos sobre o objeto e sua delimitação tomaram nossa atenção. Viu-se problemática a periodização da pesquisa, como reconstituir falas anteriores? O nosso interesse está no campo linguístico atual para compreender suas transformações a partir das mudanças sociais, culturais e políticas do campo policial. A percepção da progressiva mudança foi diagnosticada pelos relatos capturados pelos questionários, formulários, entrevistas e conversas informais com policiais civis nas delegacias. No momento seguinte passamos a leitura bibliográfica sobre o tema.

A novidade da temática para os pesquisadores conduziu-nos para leituras básicas da sociolinguística. A compreensão da língua, de seus condicionamentos fonológicos, sociais, culturais e políticos tornou-se imprescindível para o desenvolvimento desta pesquisa. No primeiro momento, passamos a leitura do texto “Sociolinguística” parte I, da Tânia Maria Alkmim (2005), na Obra ‘Introdução à Linguística: domínios e fronteiras’. Neste capítulo, a autora faz um balanço das vertentes neste campo de conhecimento, desde da perspectiva biologizante à social. De Saussure a autora destaca: “[...] a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social” (p. 23), a mesma autora encaminha para Bakhtin um outro pólo deste debate, na medida

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

em que o cita ao dizer que “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguística [...] mas pelo fenômeno social da *interação verbal* realizada através da *enun-ciação* ou das enunciações” (p. 25). Desperta a partir disso, a noção de comunicação social, a ideia de comunidade linguística. O terceiro momento foi o reconhecimento do campo de pesquisa: o campo policial e sua linguagem especial.

Esta atividade é possível após o achado do conceito de comunidade linguística, sendo entendida aqui como “[...] um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos” (*Ibidem*, p. 31). A visita ao ambiente policial não deveria ocorrer sem uma finalidade, a qual seria descrita com a realização de uma atividade, escolhemos, portanto a aplicação de formulários com 4 (quatro) policiais, sendo 2(dois) delegados e 2(dois) agentes de polícia.

O principal objetivo do formulário foi diagnosticar a existência de uma linguagem específica e, ao mesmo tempo, verificar a sua variação semântica condicionada por elementos sociais, culturais, políticos e outros.

A aplicação do formulário foi realizada na Corregedoria Geral de Polícia Civil do Estado do Piauí e em três delegacias em Teresina - Pi. Durante as conversas obtidas neste órgão foi constada a existência de mais de 50(cinquenta) palavras com variações semânticas, porém este universo é muito maior, especialmente considerando as regiões brasileiras, a escolaridade e grau de profissionalismo nas quais os policiais estão inseridos. Para início, apontaremos algumas palavras da cultura policial com o objetivo de demonstrar as mudanças semânticas existentes no léxico: meliante, elemento, cagoeta, campana, vida pregressa, prejudicado, brancoso, vulgo, areia de serviço, burro preto, forquilha, nife, oreia seca, pulseira, dentre outros.

A inclusão de outros termos e suas análises serão realizadas em trabalho posterior, mas convém destacar que a existência dessa linguagem está vinculada ao contato dos policiais com o meio cultural das ‘ocorrências’(dos fatos delituosos), também à uma linguagem arcaica utilizada pelos policiais antigos, como afirmou um dos policiais entrevistados.

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

Neste contexto este trabalho tenta estrutura-se com a seguinte inquietação: perceber a variação semântica no campo policial (polícia civil), no contexto de reestruturação das polícias, como forma de manifestação das transformações cultural, organizacional e operacional no interior dessa instituição. Considerando, o ingresso de policiais com escolaridade superior, pós-graduado, superior incompleto e nível médio. No último concurso para a Polícia Civil do Estado do Piauí o Edital exigia o curso superior completo para todos os cargos. Para perceber as mudanças na linguagem policial, especialmente as operadas a partir das mudanças sociais utilizamos os caminhos da sociolinguística e da sociologia da linguagem.

### A LINGUAGEM POLICIAL E A ABSTRAÇÃO

Somos um número significativo de pessoas que pensa de forma utilitária a construção dos símbolos: as palavras, os gestos, as imagens, os sons e outros. A este respeito, no início do século XVII e XVIII as cartas dos viajantes descreviam os conhecimentos dos ‘povos primitivos’ como desprovidos de qualquer abstração e guiados pela necessidade. Este entendimento contribuiu para a construção de uma representação equivocada por parte dos europeus, o que resultou numa política colonialista dominadora e dizimadora dos povos americanos, africanos, asiáticos e outros. Contudo, vários intelectuais a partir das próprias cartas dos viajantes relaboraram a representação dos povos dominados, no campo da antropologia Levi-Strauss (1989) publica a Obra ‘O Pensamento Selvagem’ na tentativa de colaborar com esta nova interpretação.

Para a maioria dos viajantes o conhecimento adquirido sobre as plantas pelos ‘povos primitivos’ ocorria em razão da necessidade de uso, tornando a capacidade de nomeação desses povos bastante limitada. Esta atitude de subestimar o pensamento ‘selvagem’ não pertence apenas ao ‘civilizado’, os ‘selvagens’, a partir de sua posição, a produz em direção a nós (os modernos).

Cada civilização tende a superestimar a orientação objetiva de seu pensamento; é por isso, portanto, que ela jamais está ausente. Quando cometemos o erro de ver o selvagem como exclusivamente governado por suas necessidades orgânicas ou econômicas, não percebemos que ele nos dirige a mesma censura e que, para ele, seu próprio desejo de conhecimento parece melhor equilibrado que o nosso (*Ibidem*, p. 17).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Esta atitude é acompanhada com o argumento da superficialidade exercida pelos outros povos. Nós (os civilizados, mais intelectuais, dominantes) julgamos que o pensamento do outro é direcionado para um nível mais simples do que o da ciência. Desvelar esta prática no campo científico é aprofundar a relação pesquisador e sujeitos da pesquisa, especialmente quando analisamos o campo linguístico na polícia. Não são poucos aqueles que defendem a ideia do surgimento de uma linguagem policial como originado da insuficiência intelectual dos policiais em entender e interpretar as leis e seus termos, mas não partimos dessa premissa.

Como diz Lèvi-Strauss (1989) sobre a capacidade dos outros povos “É claro que um conhecimento desenvolvido tão sistematicamente não pode ser função apenas de sua utilidade prática” (p. 23), entendemos, portanto que a linguagem policial desenvolve-se não apenas por necessidade, mas por abstração e intelectualidade dos falantes desse campo. Parafrazeando o antropólogo, destacamos que os símbolos: as palavras, os gestos, as imagens, a sonoridade “[...] não são conhecidos por que são úteis; elas são consideradas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas” (*Ibidem*, p. 24). E para caracterizar e situar os universos de concepção e metodológicos dos povos primitivos e dos ditos modernos, convém destacar a metáfora: “Mais uma sombra que antecipa seu corpo, num certo sentido ela é completa como ele, tão acabada e coerente em sua imaterialidade quanto o ser sólido por ela simplesmente precedido” (*Ibidem*, p. 28).

A existência dos campos linguísticos não se deve à insuficiência ou à superioridade de um dos campos, mas às condições sociais, culturais e políticas que circundam as comunidades linguísticas. No caso da comunidade policial como em outras instâncias a predominância das peculiaridades masculinas se sobressai dentre as demais, como destaca Bourdieu (1999):

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina [...] (p. 18).

A visão androcêntrica é a variável independente em todo processo de constituição do universo linguístico policial. O campo profissional, apesar de modernamente, estar sendo ocupado pelo gênero

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

feminino, desde a base até às posições de comando, a força gravitacional da estrutura masculina atrai e conforma falas, gestos, imagens e alternativas. A imposição linguística ocorre nas atividades profissionais e no contínuo exercício de pertencimento do indivíduo ao grupo. Logo, a elaboração de um vocabulário estar vinculado à sua prática social e profissional e à capacidade de abstração deste universo. Por outro lado, esta elaboração se apresenta ao conjunto de indivíduos enquanto violência simbólica, entendida aqui como sendo “[...] todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força” (Bourdieu, 1992, p. 19). A incorporação de uma *hexis* corporal e de um *ethos* ocorre pela dissimulação da origem desses significados e de sua manifestação hegemônica no contexto das *redes sociais* (Calvet, 2002) pertencentes ao campo policial. Contudo, para muitos, a análise da variação linguística no campo policial requer uma área de conhecimento específica, tanto a sociolinguística quanto a sociologia da linguagem se apresentam como disciplinas capazes envolver o tema desta variação.

O quadro I destaca a faixa etária, o ano de ingresso na polícia e o cargo dos policiais entrevistados sobre o conhecimento na linguagem policial.

Observa-se a partir da leitura do quadro 01 que o conhecimento e a utilização da linguagem policial ocorrem com maior frequência com os policiais que participam das atividades de campo (agentes de polícia) e é menos frequentes nos cargos cartoriais (delegados e escrivães). Isto confirma a hipótese que não basta ser policial para ter conhecimento de toda realidade da cultura policial, mas esta está disponível quanto mais próximo o policial estiver do contato com os criminosos, ou seja, na rua.

A faixa etária e os anos de experiência na polícia são condicionadores da linguagem. O quadro informa que quanto mais velho e quanto mais tempo de experiência no campo policial, maior é a utilização deste da linguagem específica deste campo profissional.

<b>Faixa etária</b>	<b>Nº. de Policiais</b>	<b>Utiliza a linguagem policial</b>
Mais de 20 anos	2	Menos
Mais de 30 anos	5	Mais
Mais de 40 anos	5	Muito
<b>Cargos</b>		
Agente de Polícia	8	Muito
Escrivão	2	Mais
Delegado	2	Menos
Ano de Ingresso na PC.		
Até 1980	3	Muito
Mais de 1988	3	Mais
Mais de 2000	6	Menos

Quadro 01 – Faixa etária, cargo e ano de ingresso na Polícia Civil.

## SOCIOLINGUÍSTICA, SOCIOLOGIA DA LINGUAGEM E METODOLOGIA

A temática, inicialmente encarada no campo da sociolinguística, esta entendida como um ramo da linguística e com tal portadora da compreensão das mudanças no campo da variação linguística, foi transportada para o campo da sociologia da linguagem, uma vez que esta, como diz Monteiro (2000, p. 28): “[...] a sociolinguística analisa os aspectos sociais com o intuito de compreender melhor a estrutura das línguas e seu funcionamento. Por sua vez, a sociologia da linguagem busca alcançar um melhor entendimento da estrutura social através do estudo da linguagem”.

A distinção entre a linguística e a sociologia da linguagem percorre a dimensão da abordagem microsociolinguística à macrosociolinguística (Calvet, 2002). Para este autor, a análise do falante e de seu universo linguístico não pode se desprender das noções de comunidade, de redes sociais e de predominância de dialetos num determinado contexto social. Na análise da variação linguística no campo policial, em Teresina-Pi, pouco se pode falar em status da língua, porém os sujeitos condicionam a posição da fala que falam a partir de suas posições no campo policial. Neste sentido, podemos identificar posições a partir da escolaridade, da função, do tempo de serviço, da localização de mando nas instâncias consagradoras do campo policial, dentre outras; conseqüentemente, vincular a variação a estes condicionamentos. Além desses condicionamentos, a estrutu-

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

ra da variação movimenta-se por transformações comportamentais produzidos pelo espectro político, cultural e social.

A compreensão do falante, de sua comunidade, de suas redes esta imbricada, tornando inócua a separação entre campos de conhecimento responsáveis por abarcarem este ou aquele aspecto. “É necessário conceber a abordagem dos fatos da língua como um vasto *continuum*, que vai do analógico ao digital, das relações sociais à iminência dos fatos linguísticos, como se estivesse aplicando uma técnica de *zoom*” (*Ibidem*, p. 143) (destaques do autor). Neste contexto cabe-nos indagar sobre os interesses das ciências sociais na investigação do universo do falante e dos conceitos linguísticos, Bourdieu (1983) afirma que a crítica sociológica faz deslocamentos, a noção de gramaticalidade passa a ser considerada como aceitabilidade, a de língua passa a ser língua legítima, as relações de comunicação transformam-se em relações de força simbólica; ou seja, a linguagem mais que um instrumento de inteligência é um instrumento de ação.

A captação da ação no campo linguístico policial requer instrumentos de pesquisa capazes de propiciar ao pesquisador e aos sujeitos momentos de participação nas elaborações dos questionamentos necessários ao desvelamento do campo. Podemos destacar a *entrevista*, esta envolve todos os sujeitos numa relação de proximidade cujo canal é a linguagem, por sua vez o uso da linguagem não pode provocar desnível o que prejudica a ‘situação da entrevista’, consequentemente, as informações e os termos coletados. Outra preocupação é com a espontaneidade dos falantes, a distorção intencional ou não da comunicação pode conduzir a resultados imprecisos. Além desses aspectos a elaboração do roteiro deve levar em consideração as hipóteses de pesquisa, a escolaridade do entrevistado, o local e o horário. Os *formulários* são instrumentos que podem auxiliar na coleta de informações face a face, porém é mais limitado por ‘prender’ pesquisador e entrevistado às questões anteriormente elaboradas, porém propiciar a sistematização estatística dos dados.

Contudo, as precauções sobre o uso dessas técnicas não devem ser esquecidas, especialmente, na fala espontânea. Nesta pode ocorrer o *paradoxo do observador*, quando o falante modifica a situação natural em decorrência da necessidade de mostrar maior forma-

lidade na linguagem durante a situação de entrevista (Monteiro, 2000).

O estudo sobre a mudança semântica no léxico policial tenta compreender a base social dos seus falantes, os condicionamentos linguísticos, as consequências da estrutura androcêntrica sobre os *habitus* linguísticos e conhecer alternativas para uma variação mais instituinte em relação à instituída.

### A INVESTIGAÇÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DO *HABITUS* A VARIAÇÃO SEMÂNTICA NO LÉXICO POLICIAL.

As leituras e as reflexões teóricas sobre a temática da sociolinguística realizadas pelo grupo pesquisa servem como iniciação à pesquisa enquanto prática social. Isto significa que o ato da investigação acompanha nossa *práxis* cotidiana, em razão disso, os múltiplos instrumentos de captação da realidade não podem ser dispensados, especialmente os adequados à análise dos aspectos sociais da língua. Contudo, o desenho da investigação deve selecionar a metodologia específica para cada objeto. É neste caso, são imprescindíveis a utilização de categorias sociolinguísticas, sociológicas e políticas para fundamentar o estudo neste campo de conhecimento.

A preocupação com o universo linguístico no campo policial surge da recorrência a estudos e leituras sobre a polícia e os policiais, quer para ministrar aulas em cursos de especialização, quer para aprofundar o conhecimento sobre o campo policial, trabalho já iniciado em outra produção acadêmica. Outro aspecto que vale destacar é

[...] o ambiente policial que possibilita aos policiais a imersão num jogo, através do qual as disputas entre eles e os diversos campos (religioso, escolar, profissional e outros) ocorrem mediados por elementos situados no social e nas possibilidades de *performance* do agente. A concorrência por posição social e autoridade utiliza-se de objetos que colocados no mercado conquistam valor. A desvalorização e a valorização ocorridas no interior dessas relações simbólicas encaminham o *habitus* linguístico policial para transformação ou conservação (Miranda & Silva, 2006, p. 05).

Este cenário por si só pode não representar transformações na polícia, por esta razão, escolhemos captar a linguagem cotidiana desses profissionais para visualizarmos a ‘nova polícia’. Alkmim (2005, p. 27), cita Benveniste para informar que “[...] a questão da relação entre língua e sociedade se resolve pela consideração da língua como instrumento de análise da sociedade. Para ele (Benveniste) a língua

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

contém a sociedade e por isto é o interprete da sociedade”. A análise do universo linguístico no campo policial leva em consideração a existência de linguagem especial do campo profissional e os condicionamentos oriundos da posição de classe, do grau de instrução e da posição de autoridade que ocupa. O quadro abaixo expõe os termos e as variações correspondentes.

<b>Termos</b>	<b>Variação 01</b>	<b>Variação 02</b>
Informante	Cagoêta	Cabuêta
Mulher	Vadia	Cabrocha
Arma	Ferro	Berro
Homossexual	Biba	Bicha
Policial fraco	Mané	Medroso
Fugiu	Vazou	Pé de pano
Gelo	Desprezo	Isolar
Patuá	Negócio	Problema
Bolou	Caiu na cantata	Cedeu ao malandro

Quadro 02 – Termo e suas alterações semânticas.

A característica da variação semântica é a permanência do significante e a alteração no significado (conceito). Este é condicionado por variáveis externa à língua, a que descrevemos como diatópicas: grupo profissional, sexo, idade, tempo na função de trabalho, escolaridade e outros.

Destacamos que a variação semântica no campo policial é fortemente influenciada pelos valores do sexo masculino: a virilidade, a masculinidade, a ‘suposta’ superioridade sobre a mulher e forte rejeição a grupos de opção não heterossexual.

A formação da linguagem policial ocorre na associação entre o ‘mundo do bandido’ e a ordem oficial. No quadro 02 p2, sabe-se que o grupo de indivíduos utilizados para ressignificação está socialmente numa posição ‘fragilizada’ no contexto da vida social. Atualmente, como atesta algumas falas dos policiais, termos estão em desuso em decorrência dos cursos de formação e da vigilância dos setores dos direitos humanos. Termos pejorativos associados à mulher, aos homossexuais, aos negros e outros.

## CONCLUSÃO

O estudo aponta para a necessidade de conhecimento das diversas linguagens especiais, a partir delas compreendermos as mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas pelas quais passamos. O desafio que está à frente parece grande demais para finalizarmos o estudo da problemática e aprofundarmos aspectos relevantes.

Os reajustes na política requerem um ‘reajuste no olhar’ (Encrevé, 2005) para conservar a capacidade interpretativa e analítica. Não são apenas as instituições policiais que sofrem neste início de século com as mudanças linguísticas; os grupos de adolescentes nos bairros pobres das cidades metropolitanas ou não, os jovens das baladas, os grupos da terceira idade que organizam um novo modo vida e, conseqüentemente, uma nova linguagem e tantas outras organizações que estruturam seu poder através da fala.

A linguagem no campo policial vem sofrendo um processo de transformação no significado etimológico do léxico dominado por variáveis específicas da vida moderna: escolaridade, faixa etária, posição social, situação na hierarquia do trabalho entre outros. Contudo, alguns elementos arcaicos persistem por meio da fala: a visão androcêntrica, o abuso de autoridade, inversão dos valores no campo profissional e social.

O reconhecimento da resignificação da palavra através da violência simbólica existente nas relações campo policial possibilita a estruturação de políticas que possam amenizar os resultados da prática profissional dos agentes estatais envolvidos na segurança do cidadão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística – Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina e CHRISTINA, Anna (Orgs.). *Introdução à Linguística*. Domínios e Fronteiras. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 21-47.

ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

BAUER, Martin W. & GASKEL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Um manual prático. (Tradução Pedrinho A. Guareschi) Petrópolis: Vozes. 2002.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tratado de Sociologia do Conhecimento. (Tradução de Floriano de Sousa Fernandes). Petrópolis, Vozes, 1985.

BERGER, Peter L. & BERGER, Briggit. Como ser um membro da sociedade. **In:** Marialice Mencarini Forachi & José de Sousa Martins. *Sociologia e Sociedade*. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1998, 200-214p

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

———. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

———. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

———. *A reprodução*. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística*. Uma introdução crítica. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Ruth C.L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. **In:** Ruth Cardoso (org). *A Aventura antropológica: Teoria e método*. São Paulo: Paz e Terra, 1986, p.95-105.

ENCREVÉ, Pierre. A palavra e seu preço. **In:** ENCREVÉ, Pierre & LAGRAVE, Rose-Marie (Coord.). *Trabalhar com Bourdieu*. Trad.: Karina Jannini. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 261-270.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Trad.: Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1989.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não diretiva em Sociologia. In: THIOLENT, Michel J.M. (org). *A crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. São Paulo: Polis, 1985, p. 191-210.

MIRANDA, José da Cruz Bispo de & SILVA, Leonildes da Costa. A Palavra, a Educação e o Poder no Campo Policial. *Projeto de Pesquisa*. Teresina: PIBIC/CNPq, Pró Reitoria de Pesquisa da UESPI, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística*. O tratamento da variação. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GRYNER, Helena; OMENA, Nelize Pires. A interferência das variáveis semânticas. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística*. O tratamento da variação. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. *Para Compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SEMAMA, Paolo. Linguagem e Poder. Tradução de Wamberto Hudson Ferreira. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981. (Coleção Pensamento Político).

THIOLENT, Michel J.M. *A crítica metodológica, investigação social e enquête operária*. São Paulo: Polis, 1985.

VOGT, Carlos. *Linguagem pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1980.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma*. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume-Dumerá, 2002.